



XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVII ENANCIB)

GT 10 – Informação e Memória

DISPOSITIVO ANTROPOTÉCNICO COMO LUGAR DE MEMÓRIA E PARTILHA

DE SABERES EM COMUNIDADES DE TRADIÇÃO ORAL

ANTHROPOTECHNICAL DEVICE AS PLACE OF MEMORY AND KNOWLEDGE

SHARE IN COMMUNITIES OF ORAL TRADITION

Edison Luís dos Santos¹, Marcos Luiz Mucheroni²

Modalidade da apresentação: Comunicação Oral

Resumo: Desenvolvemos a criação preliminar de um conceito operacional na fronteira entre os saberes de tradição oral e as novas tecnologias da escrita, que ora denominamos como “dispositivo antropotécnico”. Apresentamos um dos resultados da pesquisa: a criação do dispositivo como lugar de memória e partilha de saberes - Centro de Estudos e Aplicação da Capoeira (CEACA) - e sua interface digital <http://capoeiraceaca.wordpress.com/>, cujos referenciais teóricos e metodológicos podem contribuir em futuras práticas que favoreçam a produção, circulação e apropriação social de saberes *com* os sujeitos do saber, confrontando-os com a questão do sentido da vida, do mundo e de si mesmos.

Palavras-chave: Tradição oral. Ciberespaço. Ação cultural. Dispositivos informacionais. Memória. Informação.

Abstract: *We developed the preliminary creation of an operational concept in the border between the knowledge of the oral tradition and the news technologies of the writing, that is prays denominated as “anthropotechnical device”. We introduced one of the results of the research: the creation of the device as place of memory and knowledge share - Centro de Estudos e Aplicação da Capoeira (CEACA), linked to digital communication interface - <http://capoeiraceaca.wordpress.com/>. Finally, methodological and theoretical references have also been developed to possibly contribute in further practices to enable social production, circulation and knowledge basis together with the subjects of*

¹ Doutorando em Ciência da Informação no PPGCI, ECA-USP, com Mestrado em Ciência da Informação pela Escola de Comunicações e Artes - USP (2013). Possui bacharelado em Biblioteconomia pela Escola de Comunicações e Artes - USP (2009) e bacharelado em Letras, Linguística - Fac. de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH-USP (2003).

² Possui Graduação em Ciência da Computação pela Universidade Federal de São Carlos (1980), mestrado em Engenharia Mecânica pela Universidade de São Paulo (1988) e doutorado em Engenharia Elétrica pela Universidade de São Paulo (1996).

the referred basis, confronting people with life; the meaning of life and of the world and themselves amongst it all.

Keywords: *Oral tradition. Cyberspace. Cultural action. Information Devices. Memory. Information.*

1 INTRODUÇÃO

A prática de expropriação cultural foi selada já no primeiro contato com os colonizadores, em abril de 1500, por intermédio de um dispositivo informacional: a *Carta a El-Rei D. Manuel sobre o achamento do Brasil*, de Pero Vaz de Caminha comunicava que as terras recém-descobertas, doravante seriam as novas posses da corte portuguesa.³ A imposição de códigos socioculturais faz parte dos arranjos de sistemas simbólicos, expressos em novas relações de poder, conhecimento e informação. A apropriação e/ou privação desses códigos denuncia sua dimensão antagônica: uma operação “subterrânea” de expropriação do saber. A esse processo denomina-se expropriação simbólica, categoria de análise que põe em evidência as complexas relações da linguagem com o saber e o não poder saber.

O primeiro contato entre colonizadores (donos da escrita) e nativos (comunidades originárias) foi determinante para o destino de ambos, em função do “acordo indelével sobre o achado”, o qual foi mediado por este documento manuscrito, a missiva de Pero Vaz de Caminha. Não se trata apenas de uma comunicação escrita pelo punho do escrivão da armada portuguesa, reportando à coroa sobre o valor especulativo do “achado”. O caráter inquestionável do poder simbólico e material deste dispositivo informacional, datado historicamente, demonstra o quanto influenciou sobremaneira a sorte dos que aqui viviam em relativa harmonia, até então, como legítimos donos da terra. (SANTOS, 2013, p. 47)

A *Carta a El-Rei D. Manuel sobre o achamento do Brasil* não passava de um conjunto de caracteres e sinais inscritos sobre a superfície plana de um papel. Contudo, carregava consigo a representação de palavras, ideias e pressupostos, cujo significado maiúsculo era a “expropriação sumária dos bens achados” e concomitante transferência de poder, à revelia dos expropriados, a quem não se sentiam na obrigação de dar quaisquer satisfações, conforme dizia a epístola: “Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem”. (AGUIAR, 1999, p. 23)

Neste artigo propomos uma reflexão sobre as culturas de tradição oral, excluídas historicamente da “clareira do saber”. Atualmente, parece-nos mais apropriado e estratégico

³ CAMINHA, Pero Vaz de. *Carta a El-Rei D. Manuel sobre o achamento do Brasil*. In: AGUIAR, F. (Org.) **Com palmos medida:** terra, trabalho e conflito na literatura brasileira. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Boitempo, 1999.

pensar o espaço digital como uma nova forma de produção partilhada do conhecimento, de comunicação e de composição dos fazeres e saberes; capaz de restituir a imanência e a virtualidade dos signos, em uma distribuição livre configurada em rede; espaço multifocal e aberto, cheio de devires, onde tudo acontece instantaneamente, em tempo real.

Situada nas fronteiras da transdisciplinaridade,⁴ a articulação integrada de dispositivos informacionais abre-se para uma dinâmica de cooperação entre os atores sociais (pesquisadores, mestres e aprendizes do saber). Quiçá, nossa experiência de pesquisa possa dispor de conhecimentos e referências que venham a contribuir para a formação de mediadores culturais aptos a ler, interpretar, conceber estratégias e agir em mundos simbólicos marcados por diferenças sociais e culturais, a exemplo das comunidades de tradição oral.

2 MEMÓRIA E EXPERIÊNCIA EM CONTEXTOS DE TRADIÇÃO ORAL

Nas tribos primitivas, os velhos são os guardiões das tradições, não só porque eles as receberam mais cedo que os outros mas também porque só eles dispõem do lazer necessário para fixar seus pormenores ao longo de conversações com os outros velhos, e para ensiná-los aos jovens a partir da iniciação. (HALBWACHS, 1925, p.142)

De acordo com Jacques Le Goff, o sucessivo apagamento de memórias coletivas é um fenômeno histórico ocasionado por força da expropriação cultural e simbólica operada por civilizações em constantes “lutas pela memória”, em que os vencedores acabam sempre determinando o que deve ser lembrado e o que deliberadamente deve ser apagado da memória.

Atualmente, iniciativas que incluam as memórias e saberes da tradição oral, como fonte de informação e conhecimento, são, em geral, assistemáticas e tratam esses saberes como categoria menor, por vezes folclorizando-os, ora diminuindo-os em importância face aos repertórios consagrados que constituem a cultura oficial, ora atribuindo caráter deletério à memória e à experiência locais. Nesse contexto, a memória tornou-se matéria suplementar, dispensável à formação da infância e da juventude; quando muito, foi tomada sob o aspecto romântico e nostálgico, de culto ao passado, porém, desconsiderada em seu significativo papel de guarda e transmissão de saberes que deve retornar sob uma nova forma (experiência e sabedoria de vida) vital ao desenvolvimento das gerações:

⁴ “Transdisciplinaridade: integração global das várias ciências. À etapa das relações *interdisciplinares* sucede-se uma etapa superior, que seria a *transdisciplinaridade* a qual não só atingiria as interações ou reciprocidades entre investigações especializadas, mas também situaria estas relações no interior de um sistema total, sem fronteiras estáveis entre as disciplinas”. (PIAGET, 1972 *apud* POMBO, 2004, p. 170-71)

A experiência da vida insere-se na relação do homem com o mundo, consigo próprio e com os outros. [...] É nas manifestações simbólicas da cultura que o homem preenche o abismo que o separa das coisas, de si próprio e dos outros, acedendo assim à consciência reflexiva e à experiência da vida em comum. Pela linguagem, a experiência simbólica por excelência, o homem prossegue o ilimitado trabalho de preenchimento deste abismo e a elaboração de um sentido para o enigma da vida. (RODRIGUES, 1994, p. 106)

A *experiência* está ligada a processos de acumulação de um saber interessado em valores construídos durante a existência, não se tratando de um saber especializado. Ao contrário, o conceito de *experiência* refere-se ao saber elaborado pouco a pouco – feito e refeito –, ao longo da vida, pressupondo um determinado contexto que também permita sua transmissão. Na experiência dos mestres da tradição oral, por exemplo, encontram-se sintetizadas as sucessivas incorporações de conhecimentos elaboradas e reelaboradas por gerações.⁵ Mestres e griôs são personagens importantes que remetem à tradição oral da África negra, especialmente nas sociedades do noroeste africano, em que a *oralidade* (e não a palavra escrita) é o principal meio de manutenção das culturas. Em vez do registro em livros e arquivos, é a circulação do conhecimento que garante que as culturas permaneçam vivas. Conforme sublinha Amadou Hampâté Bá, estudioso do tema,

A tradição oral é a grande escola da vida e dela recupera e relaciona todos os aspectos. Pode parecer caótica àqueles que não lhe descortinam o segredo e desorientar a mentalidade cartesiana acostumada a separar tudo em categorias bem definidas. (...) Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação, uma vez que todo pormenor sempre nos permite remontar à Unidade primordial. (BÂ, 1982, p. 183)

A palavra *griô* tem sua origem em *bamanan* (língua do noroeste da África, antigo império do Mali) e o seu significado é: “o sangue que circula”. Conforme explica Amadou H. Bâ, os griôs são como trovadores ou menestréis, considerados agentes que dão continuidade à cadeia da transmissão oral, fazendo circular os saberes tradicionais. Podem ser músicos; “embaixadores” que atuam na mediação de conflitos entre as famílias pobres; e poetas, historiadores ou genealogistas que percorrem os países para descobrir e contar as origens dos troncos familiares. A transposição de seu significado, no contexto brasileiro, significa incluir nesta categoria um rol de mestres capoeiristas, antigos e atuais, como corresponsáveis pelas lutas e conquistas de reconhecimento da cultura negra no Brasil.

⁵ A concepção de experiência dos mestres da tradição oral traduz-se no *relato de vida narrado pelo indivíduo*, cujas formas e conteúdos são, em si, essência e expressão do *sujeito que conta*: “o narrador”. Aquele que narra – que conta a sua experiência – não está apenas transmitindo uma informação, um dado; ele traz ao mundo por meio de sua fala, todo um complexo imbricado de representações que permitem retomar elos de comunicação por meio da linguagem narrativa: aberta, sem explicações definitivas, que mesmo considerando a irredutibilidade do passado, considera a imprevisibilidade do presente.

Tradição oral ou conhecimento oral são expressões que se relacionam com os saberes tradicionais. A tradição oral é a cultura material e tradição transmitida oralmente de uma geração para outra.⁶ As mensagens ou testemunhos são verbalmente transmitidos em discurso ou canção e podem tomar a forma, por exemplo, de contos, provérbios, baladas, canções ou cânticos. (KI-ZERBO, 1990, p. 54-61). Desta forma, é possível que uma sociedade possa transmitir a história oral, a literatura oral, a lei oral e outros saberes tradicionais entre as gerações, sem prescindir de um sistema de escrita. Para ser um mestre griô é necessário ser reconhecido por sua comunidade como detentor do conhecimento das tradições orais. Além dos mestres, existem os griôs aprendizes, que são educadores que trabalham com o ensino da cultura popular.



Sentado à esquerda, o griô Mestre Alcides de Lima participa de roda de conversa no *Encontro de Mestres do Mundo*, realizado em Limoeiro do Norte-CE, 17 a 21 de março de 2010. À direita, durante a TEIA 2008, em Brasília, a Rede Ação Griô realizou encontros dialógicos e vivências da Pedagogia Griô com mais de 100 representantes das tradições orais, criando a Comissão Nacional dos Griôs e Mestres.

O estudo da tradição oral se diferencia da disciplina acadêmica da história oral (gravação de memórias pessoais, relatos de vida e histórias de quem experimentou épocas ou eventos históricos) e também é distinta do estudo da *oralidade*;⁷ o fato é que a oralidade pode ser definida como o pensamento e a sua expressão verbal em sociedades onde as tecnologias

⁶ Vasina define *tradição oral* como “mensagens verbais onde são relatadas declarações da geração atual”, e especifica que a mensagem deve ter “declarações orais faladas, cantadas ou gritadas apenas em instrumentos musicais”; “Deve haver transmissão por palavra por pelo menos uma geração”. Ressalte-se que nossa definição é uma definição funcional para o uso de historiadores. “Sociólogos, linguistas ou estudiosos das artes verbais propõem sua própria; por exemplo, em sociologia, salienta-se o conhecimento comum. Em linguística, as características que distinguem a linguagem do diálogo comum (linguistas) e nas características das artes verbais de forma e conteúdo que definem arte (folcloristas)”. (VANSINA, 1985, p. 27-28)

⁷ Para Walter Ong, a *oralidade* foi por muito tempo a forma predominante de transmissão de conhecimento em diversas sociedades na história humana: “o estudo científico e literário da linguagem e da literatura, durante séculos e até épocas muito recentes, rejeitou a oralidade”. No entanto, não há como negar a importância da “oralidade primária”, definida por ele como “a oralidade de uma cultura totalmente desprovida de qualquer conhecimento da escrita ou da impressão” (ONG, 1998, p. 16 e 19). Ainda hoje subsiste em algumas sociedades uma forma de comunicação que se baseia na oralidade primária, o que permite ao grupo conhecer as coisas do mundo através da narração de histórias e da transmissão de aspectos culturais, a colocá-los em prática e a combiná-los com outras formas de comunicação.

de alfabetização (especialmente escrita e impressão) ainda não foram apropriadas pela maioria da população. (ONG, 1998, p. 11)

A comunicação dos *mestres griôs* se dá pela própria fala do narrador que atua como instrumento capaz de dar forma às realidades interiores, tanto quanto conectar outras realidades a serem alcançadas na relação entre os interlocutores com a experiência (jovens, crianças, pesquisadores etc.). Pode ser compreendida como forma de ação sobre a realidade sociocultural da comunidade tanto quanto de atuação política: de intervenção sobre o mundo imediato.

Nesse complexo quadro de “silenciamento e apagamento do vivido”, os *dispositivos digitais* que venham a operar como espaço para circulação social de memórias são bem-vindos, e até desejáveis, em comunidades de tradição oral; eles podem atuar em direção distinta, refazendo percursos ao rever sua atuação; enriquecer as trocas simbólicas em ambiente virtual, buscando incluir novos saberes e fazeres, por meio de produção partilhada repertórios, essenciais ao processo de apropriação e significação do mundo pelos sujeitos, mas que costumam ser desconsiderados em suas práticas tradicionais.

3 METAMORFOSES DA LINGUAGEM: FRONTEIRA ENTRE ORAL E ESCRITO

A linguagem é uma representação simbólica que expressa uma função psicossocial complexa. Corresponde a uma manifestação intelectual e multiforme dos seres, que recobre inúmeras formas de significar: linguagem verbal (oral e escrita), a pictórica, a musical, a cinética, a mímica, a documentária etc. (CINTRA, 1983, p. 7)

A linguagem é uma das faculdades cognitivas mais flexíveis, econômicas e plásticas adaptáveis às mudanças comportamentais, responsável pela disseminação das constantes transformações sociais, políticas, culturais geradas pela criatividade e engenho do ser humano. Nos últimos vinte anos, consolidou-se a insurgência de um conjunto de gêneros textuais no contexto das tecnologias digitais da informação e da comunicação em ambientes virtuais, além de inúmeras e variadas formas de expressão que se traduzem em novas formas de comportamento comunicativo.

As práticas pluralistas de veicular informação, de produzir novos saberes reunindo num único meio (ciberespaço) várias formas de expressão (texto, som, imagem), conferem maleabilidade para a incorporação e a convergência simultânea de múltiplas semioses, interferindo na natureza dos recursos linguísticos que passam a ser demandados pela ordem informacional e o arranjo dos dispositivos em redes sociotécnicas. Aprofundando a reflexão, diríamos que nos dias de hoje não haveria um só instante na vida dos humanos que não seja

modelado, contaminado ou controlado por algum tipo de dispositivo.⁸ A questão seria antes a de restituí-los ao livre uso dos homens, aperfeiçoando os benefícios antropotécnicos que os dispositivos podem gerar e não simplesmente destruí-los.

Há que se preocupar e reestudar conceitos, talvez redefinir relações, pensamentos, emoções que sejam capazes de libertar a Ciência de amarras e “dicotomias infernais” obsoletas. Tencionamos experimentar aqui conceitos que (embora situados historicamente) sejam operacionais na fronteira entre os saberes de tradição oral e as novas tecnologias da escrita, que ora denominamos como “dispositivos antropotécnicos”.⁹ Tais *dispositivos* redefinem os modos de ser e de agir, são mecanismos que interferem no processo de *apropriação* dos novos códigos sociais e remodelam valores culturais e simbólicos: não são instâncias neutras, eles imprimem significados aos conteúdos nele apresentados, pois estão carregados de conceitos e significados; necessitam, portanto, ser considerados além de suas dimensões funcionais; são processos simbólicos, discursos que contam, narram.

Se o conhecimento é resultante de ato intelectual do sujeito sobre as informações, transformando o “cru em cozido”, então consideramos relevante o papel dos dispositivos no processo de significação da informação, bem como na construção e circulação de novos saberes. Para serem veiculados/comunicados, os conhecimentos precisam ser coletados, organizados, ordenados e oferecidos sob diferentes suportes, repertórios e linguagens.

4 CIBERESPAÇO & FRONTEIRAS: POSSIBILIDADES DE EXPRESSÃO DIGITAL

A origem do termo *ciberespaço* encontra-se documentada pela literatura; foi inicialmente empregado pelo escritor norte-americano Willian Gibson, em sua obra de ficção científica *Neuromancer*, escrita em 1984; nela o autor apresenta o ciberespaço como uma representação física e multidimensional do universo abstrato da “informação”. Um lugar para

⁸ *Dispositivo* é um termo técnico decisivo na estratégia do pensamento de Foucault, que o concebia como rede (*réseau*) heterogênea de elementos, instituições e processos de subjetivação que agem nos mecanismos de poder, em rua de mão dupla, isto é: “um conjunto de estratégias de relações de força que condicionam certos tipos de saber e por ele são condicionados”; *dispositio* é uma referência latina ao conceito grego de *oikonomia* que significa a gestão, administração da casa (*oikos*): “conjunto de práxis, de saberes, de medidas, de instituições cujo objetivo é gerir, governar, controlar e orientar, num sentido que se supõe útil, os gestos e os pensamentos dos homens [...] qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes”. (AGAMBEN, 2009, p. 28; 39-40)

⁹ A emergência do ciberespaço possibilitou o surgimento de uma nova era antropotécnica, uma revolução análoga à invenção da escrita, um novo meio, *lócus* a ser explorado, em uma nova relação de tempo e espaço. O filósofo alemão Peter Sloterdijk procura esclarecer a questão a partir da via *antropotécnica*. Assim, as tecnologias de contribuição, de inteligências coletivas e de aceleração da inteligência, que Sloterdijk chama de “homeotechniques”, abriram caminhos multifocais para a construção de uma nova estética e política. Elas se sobrepõem hoje às “allotechniques”, estas sim primaram por artefatos e máquinas muito mais próprios à “dominação” e ao mundo epicêntrico do que à cooperação. (SANTOS & MUCHERONI, 2015, p. 14-15)

onde se vai com a mente, catapultada pela tecnologia, enquanto o corpo fica para trás. Um lugar que sugere a “desconstrução das posições nítidas entre *literatura* e *teoria social*, mostrando que grande parte da teoria social contém uma visão narrativa do presente do futuro, e que certos tipos de literatura apresentam um mapeamento convincente do ambiente contemporâneo e, no caso, do cyberpunk, das tendências futuras”. (KELLNER, 2001, p. 381).

Da ficção para a vida, o *ciberespaço* é hoje o lócus de comunicação planetária que integra algumas das mais importantes inovações no campo da eletrônica, cibernética, computação, informação e comunicação. Vem transformando profundamente a ordem econômica e social, cuja dinâmica imaterial se apoia, segundo Pierre Lévy, no avanço crescente e desordenado das forças produtivas do sistema capitalista, no incessante aumento da velocidade de rotação do capital e das transações mercantis e financeiras em escala planetária. As grafias deixadas pelas técnicas no atual estágio de produção social do espaço se expressam nos sistemas de satélites, cabos de fibra ótica, teleportos, rede de computadores com inovações constantes em softwares, hardwares etc.

Com o advento da convergência das mídias digitais, um novo tipo de sociabilidade, expressão simbólica e comportamento cultural dá vazão ao homem simbiótico e relacional da vida digital: “O universo das redes digitais como lugar de encontros e de aventuras, terreno de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural. O ciberespaço designa menos os suportes de informação do que os modos originais de criação, de navegação no conhecimento e de relação social por eles propiciados” (LÉVY, 1998, p. 104). Na esteira dos menos eufóricos, a questão se volta contra o *comando*; enquanto lugar de controle e de distribuição do discurso, o ciberespaço configura-se como lócus carregado de contradições típicas da nova formação cultural, um desdobramento virtual das contradições e relações de desigualdade: “impregnado das formas culturais e paradigmas que são próprios do capitalismo global, está longe de inaugurar uma nova era emancipatória. Embora a internet esteja revolucionando o modo como levamos nossas vidas, trata-se de uma revolução que em nada modifica a identidade e a natureza do montante cada vez mais exclusivo e minoritário daqueles que detêm as riquezas e continuam no poder”. (SANTAELLA, 2003, p. 75)

A imposição de códigos socioculturais faz parte dos arranjos de sistemas simbólicos que se expressam em novas relações de poder. A apropriação e/ou privação desses códigos denuncia sua dimensão antagônica, ou seja, a existência de uma operação “subterrânea” de expropriação do saber, que se denomina *expropriação simbólica*, categoria de análise que põe em evidência as complexas relações da linguagem com o *saber* e o *não poder saber*.

De acordo com Norberto Bobbio, o exercício do “poder ideológico” é aquele “que se exerce não sobre os corpos como o poder político, jamais separado do poder militar; não sobre a posse de bens materiais, dos quais se necessita para viver e sobreviver, como o poder econômico, mas sobre as mentes pela produção e transmissão de ideias, de símbolos, de visões de mundo, de ensinamentos práticos, mediante o uso da palavra”. (BOBBIO, 1997, p. 11).

A memória está essencialmente na base do desenvolvimento das coletividades e dos indivíduos. Operando entre inclusão e exclusão – entre lembrança e esquecimento –, ao serem escolhidos os conteúdos e formas de expressão que deverão ser retidos e transmitidos, trava-se a “luta pela memória”. (LE GOFF, 1984) Tal “luta” resulta na reintrodução, pela linguagem, do repertório das experiências humanas dos vários grupos sociais ao patrimônio simbólico. Sob esse enfoque, as memórias dos sujeitos podem constituir arsenal de força e resistência, “forma de testemunho que impõe limites à tirania ou à ditadura das imagens coletivas”. (SCHMIDT & MAHFOUD, 1993, p. 285-98)

A história oficial ocupou-se em não deixar traços e queimou a documentação relativa ao período da escravidão, por ordem do jurista Rui Barbosa (e outros adeptos desta mutilação da materialidade histórico-cultural). As gerações de descendentes quilombolas que sucederam os primeiros escravos fugidos e libertos conservam, por razões evidentes, pouca memória coletiva do período da escravidão.

Para as culturas de tradição oral, historicamente excluídas da “clareira iluminista”, seria mais apropriado e estratégico pensar o ciberespaço como uma nova forma de produção de conhecimento, comunicação e composição dos fazeres e saberes, tradicionalmente relegados ao limbo do esquecimento.

Assim, o ciberespaço restitui a imanência e a virtualidade do signo, em uma distribuição livre configurada em rede, em diagrama da máquina abstrata, impossível de ser capturado pelas estruturas dicotômicas significantes, em razão de sua semiótica heterogênea e multifocal. Um mundo virtual onde são disponibilizados variados meios de comunicação e interação em sociedade. Um universo virtual onde se encontram quantidades massivas de dados, informações e conhecimento em que os textos são “mixados” a imagens e sons, em uma cadeia de hipertextos fluidos e cheios de possibilidades, ou seja, um ambiente não físico, mas real, um espaço aberto, cheio de devires, onde tudo acontece instantaneamente, em tempo real e de durabilidade incerta. (MONTEIRO, 2007, p. 15)

O hipertexto emprega formas miméticas, icônicas e diagramáticas que desafiam o modo linear da escritura e impõe um novo modelo de representação do conhecimento,¹⁰ cujo princípio condutor da produção do sentido é o protocolo da *deslinearização*. Notoriamente, esse novo paradigma de construção social do saber tem globalmente fomentado diversificadas formas de ler (dispersiva, sinestésica, *self-service*) e de não-ler, além de diferentes tipos de leitores (contemplativos, moventes, imersivos). Todavia, esse dilúvio informacional nem sempre foi capaz de propiciar a memória da experiência; antes, por força do excesso, leva ao afogamento do leitor no dilúvio informacional que, sem bússolas de orientação, navega quase sempre à deriva, errante, sem porto seguro à vista.

Com base no referencial teórico exposto, criamos em regime de produção partilhada de conhecimento um dispositivo digital interconectado às redes sociais - <http://capoeiraceaca.wordpress.com/>, por meio de intervenções de diferentes ordens e naturezas que acabaram por reconfigurar e ressignificar as informações do território simbólico estudado. Para o arranjo do patrimônio cognitivo do grupo estudado, operamos com os conceitos de *hipertexto*¹¹ de Olga Pombo, e *hipermídia*,¹² de Lucia Leão, a fim de capturar o universo cultural em “blocos de lexias”,¹³ bem como recuperar imagens e textos que se encontravam dispersos em diferentes fontes (orais, escritas, audiovisuais etc.).

As escolhas objetivaram fazer com que a *composição mimética* do dispositivo antropotécnico (tanto quanto o arranjo de seus discursos) fosse capaz de mobilizar os sujeitos na busca de relação e diálogo com as instâncias (fontes) informacionais de diferentes naturezas ali existentes, bem como com as novas modalidades produzidas a partir da partilha

¹⁰ Os princípios que regem o hipertexto são a *metamorfose* (a rede hipertextual está em constante processo de construção, posição e reposicionamento); a *heterogeneidade* (os nós e os links de uma rede hipertextual são heterogêneos); a *multiplicidade* (o hipertexto se organiza segundo um modelo fractal, no qual cada nó ou link pode ser reticular); a *exterioridade* (a rede não possui uma unidade orgânica nem um motor interno); a *topologia* (nos hipertextos tudo funciona segundo o princípio de proximidade) e a *mobilidade* dos centros (a rede não tem centro). [VIANELLO OSTI, 2002, p. 151].

¹¹ Em termos gerais, *hipertexto* é o termo que remete a um texto, ao qual se agregam outros conjuntos de informação na forma de blocos de textos, palavras, imagens ou sons, cujo acesso se dá através de referências específicas; no meio digital são denominadas *hiperlinks* ou simplesmente *links*. Esses links ocorrem na forma de termos destacados no corpo de texto principal, ícones gráficos ou imagens e têm a função de interconectar os diversos conjuntos de informação, oferecendo acesso sob demanda as informações que estendem ou complementam o texto principal. (POMBO, 1998, p. 19-33)

¹² Vale destacar que a especificidade da hipermídia é constituída pela complexidade de conteúdos e de conexões (links) entre eles e pelos percursos que o leitor faz na obra hipermidiática. Tal como em muitos meios de comunicação, a hipermídia depende do uso que se faz dela, pois depende de “como ela é fruída pelo leitor”. (LEÃO, 1999, p. 34). Assim, a linguagem hipermídia é um resultado da interatividade (participação ativa de seu público), porque nem todos os seus conteúdos serão conhecidos por cada indivíduo.

¹³ O *hipertexto* é composto por blocos de informações e por vínculos eletrônicos (links) que ligam esses elementos. Os blocos de informações são também denominados “lexias”. O termo *lexia* foi empregado por Roland Barthes para designar blocos de textos significativos, os quais também são chamados de “nós”: correspondem às “unidades básicas de informação” e podem ser formadas por diferentes elementos (textos, imagens, vídeos, ícones, botões, sons, narrações, relatos de vida etc.).

de saberes. Daí, os cuidados com os meios e mediações propostos, os quais fizeram vingar a construção do nosso objeto empírico de pesquisa, em regime de produção partilhada de saberes informacionais: <http://capoeiraceaca.wordpress.com/>.

5 ESTÉTICA DA DERIVA E DESCENTRAÇÃO: A REINVENÇÃO DO COTIDIANO

A tradição oral comporta saberes que brotam da esfera do cotidiano, uma fala aqui, uma lembrança acolá, a vida é feita de parcelas de saber que se produzem lentamente ao longo do tempo e do espaço de sociabilidade dos sujeitos. O conhecimento não é engendrado em bloco, mas construído pela interconexão dos fragmentos, passando por caminhos múltiplos, errâncias, bifurcações, mediações, irradiações e derivas.

Apostamos na apresentação de um modelo de construção partilhada de conhecimento que valoriza o *descentramento*, que busca dar voz aos sujeitos que participam, de modo a incorporar sugestões e ideias que favoreçam a comunicação; igualmente, há que se pensar novas formas e modelos gráficos que visam a favorecer a flutuação infinita das leituras possíveis, mecanismos que facilitam a adoção de múltiplos itinerários de leitura, que disponibilizam estratégias de articulação, que evidenciam irradiações dos temas uns sobre os outros, que assinalam interferências, aproximações transversais. Uma fonte inesgotável de recursos metadiscursivos exploratórios dos conteúdos que também podem ser veiculados no dispositivo informacional do CEACA.¹⁴

A apreensão do universo simbólico e cultural visou à construção de significados; à medida que a mediação cultural dialógica ia ocorrendo, os termos relacionais foram surgindo e se apresentaram como suporte teórico, histórico e operacional, que possibilitou a construção dialógica dos blocos de significados (lexias) que orbitam a esfera do cotidiano da comunidade CEACA. Para a construção de significados, apropriação simbólica de bens culturais e protagonização dos atores envolvidos, a busca por uma dialogia deveria ser caracterizada pela abertura, não-finalizante, e pela responsabilidade com o domínio da vida vivida. Por isso, a dialogia não pode ser entendida como um sistema, um fluxo, porque requer de cada ator envolvido a participação responsiva e lhe confere a liberdade de ser-em-relação-ao-outro, ou

¹⁴ O Centro de Estudos e Aplicação da Capoeira foi fundado em 1988, por Mestre Alcides de Lima e Mestre Dorival dos Santos. Desde 1990, ambos atuam no projeto *Expressse-se com Consciência - Faça Capoeira* e têm levado a Capoeira, para além dos muros da Escola, difundindo-a por vários locais no Brasil e no mundo. (Fort Collins, Colorado-EUA, 1995, 1996, 1997 e Universidade Estadual do Colorado-CSU, 1998). A filosofia do grupo reside na busca da participação e a integração do indivíduo às artes em geral (música, dança, teatro, cantoria etc.), com desenvolvimento de suas habilidades e aptidões, tendo como fio condutor deste desenvolvimento, a cultura afro-brasileira e em específico a aplicação da Capoeira. Grande instrumento de promoção da história e cultura brasileira, a Capoeira se mantém muito próxima das danças folclóricas brasileiras (samba, frevo e batuque, entre outras), ligada diretamente à vida socioeconômica e política do País.

seja, ser em construção permanentemente no mundo que é o acontecimento. Essa situação dialógica não implica uma perda de individualidade, mas o reconhecimento mútuo da *diferença e importância* de cada um na relação.

A fim de evitar a dispersão informativa, empregamos o *hipertexto* em situações que reforçassem o legado do patrimônio imaterial da tradição oral, ora enfatizando o papel dos mestres e aprendizes, ora fazendo remissões aos projetos exitosos, prêmios conquistados e reconhecimento social. Obviamente, tomamos a devida precaução de evitar o uso da condição ilimitada do hipertexto, cujo efeito poderia vir a ser a desorientação, a sobrecarga, a banalização ou até mesmo a indiferença quanto aos conteúdos veiculados.

Espaços que sejam interditórios, ou dispositivos e arranjos monológicos que privilegiam os sistemas em detrimento das pessoas e comunidades; que servem meramente para serem admirados pelo seu design moderno e imponente e que não convidam seus visitantes a interagirem, estão perdendo força a cada dia.

6 RESULTADOS: INFORMAÇÃO, LUDICIDADE E CONFLITOS

Ao empregar o conceito de *hipertexto* na configuração do dispositivo digital do CEACA - <http://capoeiraceaca.wordpress.com/>-, percebemos que cada elemento descontínuo revigora-se e ganha uma nova dimensão, tornando-se um polo de infinitas relações que dele divergem e que para ele convergem, a exemplo da página <Mestre Alcides de Lima>, recuperada tanto quanto possível por meio de hiperlink ativo em diferentes espaços distribuídos em quase toda a sua extensão. Esse recurso estabelece relações entre os saberes, disponibilizando a mole de informação nele contida segundo um regime espacial de escolhas múltiplas, explorando reservas potenciais nunca plenamente atualizáveis e jogando com volumes instáveis de massas flutuantes de totalidades híbridas e abertas (encenações sobre cantos de trabalho, peças teatrais, tais como “A comemoração de 300 anos da morte de Zumbi dos Palmares” e “Homenagem à memória de Besouro Mangangá”, além de outras atividades lúdicas tais como a capoeira, o samba de roda, a ciranda, coco de roda, maculelê, o toré, a peteca etc.).

Trata-se de revelar um território simbólico desconhecido, de expor a combinatória do jogo, tendencialmente infinita. Tal como no “jogo de capoeira”, que acontece no interior de um *círculo lúdico* a partir da conversa entre dois corpos, o valor heurístico edifica-se com base no *diálogo* e na *partilha de saber* (sem vencedor ou perdedor), extrapolando a questão premente do registro da memória institucional em ambiente virtual.

Pensar a interface do CEACA no *WordPress* significou também refletir sobre nova experiência espacial para onde convergiriam materiais linguísticos não lineares (gravuras e xilogravuras, desenhos, ilustrações, mapas, cartas, atlas, tabelas, fotografias), isto é, imaginar este lugar comum onde teoricamente poderiam residir, em simultâneo, diferentes elementos textuais e repertórios imagéticos do saber. Vale salientar que o hipertexto, “na composição geométrica que essencialmente o caracteriza, opera uma exploração inaudita da fronteira entre imagem e palavra. Verdadeira máquina de fazer ver, ele deslineariza a escrita e gramaticaliza a imagem”. Explorando o potencial de cada página do site como espaço semiótico, o hipertexto (hipermídia) é feito de coexistências e hibridismos, em regime de paralelismo e assimetria, de incisões, incrustações, cores, formatações, tipos e tamanhos de caracteres, códigos de circulação etc.

Daí que se produz uma forma inaudita de integração sensorial mediante a qual o hipertexto, não apenas se dirige de forma envolvente à sensibilidade múltipla, como faz confluír a representação intelectual e a apresentação sensível, isto é, o cognitivo e o perceptual. Como resultado dessa experiência de construção de hipertextos nas páginas do dispositivo digital do CEACA - <http://capoeiraceaca.wordpress.com/>-, geramos a configuração de um arranjo informacional mínimo, cujo espaço permanece fluido, transitório, efêmero, quase accidental. Um espaço que não busca, obviamente, imitar a tradição oral, cuja inteligibilidade, sempre pontual, permanece firmemente apoiada nos pilares do cotidiano, articulada com a infinita variabilidade de suas manifestações perceptivas. Cumpre, sim, observar e prestar muita atenção aos meandros da tradição oral, pois os detalhes são tão significativos quanto o silêncio e a predisposição para escutar; estar atento ao singular, ao irrelevante, ao insignificante é uma atitude chave, deveras importante para a sua compreensão.

No processo de produção partilhada de conhecimento compete aos sujeitos resolver os conflitos. São constantemente chamados a tomar iniciativas, a exhibir relações e falar o que pensam, a fomentar articulações, a estabelecer interferências, expor afinidades, revelar aproximações; enfim, os saberes são apropriados e suscetíveis de serem partilhados. Todavia, nem sempre tudo é mar de rosas; por vezes, fomos obrigados a confrontar problemáticas envolvendo a vaidade pessoal, sempre buscando estimular valores e irradiações comunitários, a fim de superar nós quebrados, fraturas, vazios, bifurcações e derivas. Um processo de busca partilhada de saberes, amadurecida pela experiência heurística do cotidiano, capaz de conviver com erros e acertos, de aceitar as diferenças, deixar-se prolongar por todos os labirintos, arriscar-se a destinos imprevisíveis, dignos da aventura de conhecer, de participar do “jogo que é a vida”.



Página Inicial | COLABORE! | CEACA | EDUCAÇÃO | EVENTOS
INFOTECA | LEIS | LINKS | MEMÓRIAS | MESTRES GRUOS | PRÉMIOS
REDE | REFERÊNCIAS

Seguir blog via email

Digite seu endereço de email para acompanhar esse blog e receber notificações de novos posts por email.

Junte-se a 1.560 outros seguidores

Insira seu endereço de e-m:

Seguir

Visitas

8,406 cliques

Meta

- Registrar-se
- Entrar
- Posts RSS
- RSS dos comentários
- WordPress.com

Mapa de Lexias

Missão

Promover o desenvolvimento do cidadão como ser consciente e transformador da realidade onde está inserido, buscando a liberdade de expressão e autonomia do indivíduo de forma socialmente responsável, através da apropriação de elementos da sua cultura, a capoeira.



Roda de capoeira, USP 1978.
Arquivo pessoal Mestre Aldeides de Lima.



Trelino de capoeira na Praça do Relógio, USP.



Mestre Aldeides de Lima



Memória do CEACA



Vibração pela dança no Ponto de Cultura Amorim Rêgo



Grupo CEACA com mestre Aldeides no centro, aporahado, Sala 51 - Group.

Disponível em: <https://capoeiraceaca.wordpress.com/institucional/missao/>

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fase extrema do desenvolvimento capitalista atual se caracteriza por uma gigantesca acumulação, convergência e proliferação de dispositivos antropotécnicos. Uma mesma pessoa pode ser o lugar de múltiplos processos de subjetivação; paralelamente ao ilimitado crescimento dos artefatos tecnológicos corresponde a já disseminada profusão de processos de subjetivação, levando ao extremo o aspecto de mascaramento e ocultamento que inadvertidamente acompanha processos de identidade pessoal.

Qual a razão de nosso desassossego? O mundo da comunicação eletrônica e das mídias digitais é um mundo povoado pela superabundância textual e hipertextual cuja oferta ultrapassa a capacidade cognitiva de apropriação por parte dos leitores. Uma nova antropotécnica de difusão da escrita incita uma nova relação com os textos/hipertextos, impõe

novas formas de inscrição e uma revolução das estruturas e formas mais fundamentais dos suportes da cultura escrita. A revolução da textualidade digital constitui então uma mutação epistemológica que transforma as modalidades de construção, credibilidade e fiabilidade dos discursos do saber.

A criação do dispositivo informacional, por sua natureza híbrida, representa um “lugar de memória” e de informação, no qual tanto os processos de produção quanto os de apropriação de saberes configuram-se como questão-chave das práticas educativas do CEACA que visam a, não só envolver os sujeitos nas partilhas e trocas simbólicas, mas estimular o diálogo intercultural e intergeracional entre crianças, jovens e mestres da tradição oral. Ressalte-se, ainda, a importância das articulações entre memória universal e memória local em tais processos, uma vez que o diálogo entre as duas modalidades é categoria essencial à compreensão e à construção de novos significados. Do jogo entre o geral e o particular, entre o distante e o próximo, novos sentidos vão se constituindo, ao mesmo tempo em que constituindo novos sujeitos e vinculações com o mundo físico e social.

Mestres da tradição oral são bibliotecas vivas que constituem fontes generosas e inovadoras de gestos, palavras, signos e saberes. Sobre a esfera cognitiva dos mestres da tradição oral (bolha), orbitam crenças e valores que se adensam no interior da comunidade: relações potenciais de afeto e amizade, partículas de saber vivo¹⁵ que reforçam o imaginário coletivo (globo); relações não meramente estabelecidas como reais ou possíveis, mas, sobretudo, que não se dão por esgotadas na hipertextualidade do cotidiano. A inclusão das memórias da tradição oral, na vertente da *experiência* e da produção partilhada de saberes, representa avanço conceitual e metodológico da noção de *dispositivo antropotécnico de memórias*. A consideração da *experiência* atua a favor do desconfinamento cultural dos protagonistas locais, sendo relevante à afirmação daqueles que contribuem para a comunidade, porém *sem direito à voz*. Já, a incorporação das memórias da comunidade exerce um duplo papel, tanto disponibilizando conteúdos novos sobre a vida e histórico do ponto de cultura CEACA/Amorim Lima, quanto incluindo seus autores, em processos sistemáticos de encontros dialógicos entre mestres e aprendizes da tradição oral.

Estudar o *espaço das fronteiras* da cultura de tradição oral pode ser um local privilegiado na busca de novos significados para a reinvenção da esfera do cotidiano em tempo (*dasein*) marcado por desigualdades globais. Investigar os *saberes* e *fazeres*

¹⁵ O saber vivo é o “saber da experiência, discernimento, capacidade de coordenação, de auto-organização e de comunicação”. O saber vivo não é prescritivo, não é predeterminado, tampouco ditado: é um “coro polifônico improvisado” cujas formas de expressão são adquiridas no trânsito cotidiano; o saber vivo pertence à cultura do cotidiano e, por intermédio da tradição oral, renova-se criativa e permanentemente. (GORZ, 2005, p. 9-20)

tradicionais configura-se como “o” local da cultura, espaço intersticial em que reconhecemos a possibilidade do diálogo intercultural que surge da negociação entre alteridades, não simplesmente baseada em antagonismos, mas em contínuo processo de debate e negociação. Ou seja, na medida em que se compreende a apropriação cultural como “negociação simbólica entre repertórios culturais”, são criados os vínculos afetivos com o outro sem perda de si mesmo (achar-se no outro):

O trabalho fronteiro da cultura exige um encontro com ‘o novo’ que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma ideia de novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado, refigurando-o com um ‘entre-lugar’ contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O ‘passado-presente’ torna-se parte da necessidade e não da nostalgia, de viver. (BHABHA, 1998, p. 27)

Os saberes da tradição oral são patrimônio comum da humanidade. Um tesouro vivo e renovável que não deve ser entendido como patrimônio estático, mas, essencialmente, como processo dinâmico fundado no *senso comum*, nas expressões culturais na esfera da vida cotidiana¹⁶ das comunidades que cultivam saberes e modos de vida diferenciados até os dias de hoje.

Em nossa experiência de pesquisa buscamos dispor de conhecimentos e referências que venham a contribuir para a formação de mediadores culturais aptos a ler, interpretar, conceber estratégias e agir em mundos simbólicos marcados por diferenças sociais e culturais. Nesse sentido, convergimos com o pensamento de Umberto Eco que nos ajuda a concluir: “o problema da cultura europeia [ou universal] do futuro não consiste no triunfo de um poliglotismo total (aquele que soubesse falar todas as línguas seria semelhante a *Funes, el Memorioso*, de Borges, com sua mente ocupada por uma infinidade de imagens), mas sim em uma comunidade de pessoas que podem apreender o espírito, o perfume, o ambiente de uma fala diferente”. (ECO, 1994, *Apud* CHARTIER, 2002, p. 19).

¹⁶ “A vida cotidiana é a vida do homem *inteiro*, que participa dela com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade... todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, sentimentos, paixões, ideias, ideologias. Suas partes orgânicas consistem na organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso, a atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação”. (HELLER, 1985, p. 17-18)

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Chapecó-SC: Argos, 2009.
- AGUIAR, F. (Org.) **Com palmas medida:** terra, trabalho e conflito na literatura brasileira. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Boitempo, 1999.
- BÂ, A. H. A tradição viva. In: KI-ZERBO, J. (Coord.) **História geral da África**, Vol. I. São Paulo: Ática-Unesco, 1982.
- BHABHA, H. K. **O local da cultura.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BOBBIO, N. **Os intelectuais e o poder:** dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. São Paulo: Editora UNESP, 1997.
- CASTELLS, M. A rede e o ser. In: **A sociedade em rede:** economia, sociedade e cultura. Vol. I. São Paulo: Paz & Terra, 2002.
- CHARTIER, R. **Os desafios da escrita.** São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- _____. O leitor: entre limitações e liberdade. In: **A aventura do livro:** do leitor ao navegador. São Paulo: Imprensa Oficial/Editora UNESP, 1998, p. 77-95.
- CINTRA, A. M. M. Elementos de linguística para estudos de indexação. In: **Ciência da Informação**, Brasília, 12 (1): 5-22, 1983.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso.** São Paulo, Loyola, 1996.
- GORZ, A. **O imaterial:** conhecimento, valor e capital. São Paulo: Annablume 2005.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006.
- HELLER, A. **O cotidiano e a história.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- KELLNER, D. Como mapear o presente a partir do futuro: de Baudrillard ao cyberpunk. In: **A cultura da mídia.** Bauru: EDUSC, 2001, p. 377-419.
- KI-ZERBO, J. **Methodology and African Prehistory.** UNESCO International Scientific Committee for the Drafting of a General History of Africa; James Currey Publishers, 1990.
- LEÃO, L. **O labirinto da hipermídia:** arquitetura e navegação no ciberespaço. São Paulo: Iluminuras, 1999.
- LE GOFF, J. Memória. In: GIL, F. (Org.) **Memória – história.** Porto: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1984. (Enciclopédia Einaudi, 1).
- LE MOS, A. **Cibercultura:** tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- LÉVY, P. **A inteligência coletiva:** por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Loyola, 1998.

- MONTEIRO, S. D. O ciberespaço: o termo, a definição e o conceito. In: **DataGramZero - Revista de Ciência da Informação**, v. 8, n. 3, Jun. 2007.
- ONG, W. **Oralidade e cultura escrita**: a tecnologização da palavra. Trad. Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papirus, 1998.
- POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.
- POMBO, O. Da classificação dos seres à classificação dos saberes. Leituras. **Revista Biblioteca Nacional de Lisboa**, nº 2, 1998, p. 19-33.
- _____. Epistemologia da interdisciplinaridade. PIMENTA, C. (Org.) **Interdisciplinaridade, humanismo, universidade**. Porto: Campo das Letras, 2004.
- RICOEUR, P. O ponto de partida e o ponto de chegada. In: **Tempo e narrativa**. Tomo I. Campinas: Papirus Editora, 1994, p. 76-84.
- RODRIGUES, A. D. **Comunicação e cultura**: a experiência cultural na era da informação. Lisboa: Editorial Presença, 1994.
- SANTAELLA, L. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.
- SANTOS, E. L. **Estação memória Cambury**: mediação cultural com os parceiros do rio que muda. 2013. Dissertação (Mestrado) – ECA-USP, São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-19112013-161748/>. Acesso: 10.8.2016.
- _____.; MUCHERONI, M. L. Veredas ontológicas da informação: da mnemotécnica à antropotécnica. In: **Anais...**, XVI ENANCIB - XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Pós-Graduação em Ciência da Informação, UFPB, João Pessoa-PB, 2015.
- SCHMIDT, M. L. S.; MAHFOUD, M. Halbwegs: memória coletiva e experiência. **Psicologia USP: Memória**, v. 4, n. 1/2, 1993.
- VANSINA, J. **Oral Tradition as History**. James Currey Publishers, 1985.
- VIANELLO OSTI, M. Identidad del hipertexto. In: **Litterae**. Cuadernos sobre cultura escrita, 2 (2002), p. 151-78.